

**A SOBREVIVÊNCIA DO GÊNERO PICAresco NA LITERATURA
BRASILEIRA – UM ESTUDO DE GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE**

Wagner Trindade (UFF/ CPIO)

José Luis Jobim (UFF)

RESUMO:

A proposta deste trabalho é analisar o gênero picaresco circunscrito no romance *Galvez Imperador do Acre*, por meio de seu protagonista, Luiz Galvez, que se posiciona na trama como um autêntico pícaro. A construção do personagem principal da obra de Márcio Souza será o recorte inicial para o estudo do tema. Levando-se em consideração os aspectos sociais, históricos e familiares que formaram a personalidade de Galvez no romance, analisaremos seu comportamento e suas tomadas de decisão, que manifestarão o viés pícaro que o caracterizará no decorrer de toda a narrativa. A consolidação dos aspectos picarescos de Galvez se observará na aproximação desse personagem a outros pícaros, presentes em obras de diferentes momentos históricos. Com efeito, em nosso estudo, estabeleceremos uma relação comparativa com outros pícaros, clássicos e modernos, que marcaram o gênero e o consolidaram. Lazarillo de Tormes, personagem central da narrativa homônima, fornece à literatura um modelo de narrativa que se mostrou inovador em seu tempo e influenciou diversas outras obras, permitindo o estabelecimento de um gênero, uma espécie de sistema literário. Nosso intuito é, com base nos estudos de Bronislaw Geremek, Mikhail Bakhtin e Mario González, demonstrar a sobrevivência do gênero picaresco na literatura ocidental, iniciado na Espanha do século XVI, mas atualizado em outros momentos históricos e no Acre do início do século XX, cenário do romance de Márcio Souza.

Palavras-chave: Pícaro. Personagem. Picaresco.

Introdução

O romance picaresco é uma modalidade literária presente, de maneira abrangente, em um conjunto de obras escritas no contexto espanhol do século XVI, que tinham traços marcantes de semelhança. Em todas, o foco principal centra-se na figura de um personagem de baixa condição social cuja obstinação é a ascensão social a qualquer preço, fazendo uso, se preciso, de artifícios baseados na trapaça, no engano e na dissimulação. Esse personagem é o pícaro.

A representação dessa figura literária é complexa, pois caracteriza uma ruptura com o modelo de herói até então construído pela tradição literária. O pícaro não deseja ser modelo de virtude, nem nos causa abjeção. Ele oscila entre o bem e o mal, mostrando-se um ser mais humano que os heróis medievais, capaz de errar, de acertar, de mostrar apego e desapego. Suas histórias difundiram-se na Europa e receberam versões em diversas culturas.

Ainda que o paradigma picaresco tenha surgido na Espanha, não é difícil localizarmos características picarescas em obras de outros momentos da literatura. Considerando que Encolpio, personagem central e narrador do *Satiricon* de Petrônio, insere na história da prosa literária muitas das características que, quinze séculos depois, iriam consolidar o pícaro na tradição espanhola e, se constatamos que, três séculos depois, muitas daquelas características também se fazem presentes em personagens da literatura brasileira, estamos diante de uma modalidade literária capaz de agregar um extenso conjunto de obras na literatura universal. *Galvez, Imperador do Acre*, do amazonense Márcio Souza, é um dos romances que integra esse conjunto.

Nossa proposta, na perspectiva do estudo acerca do gênero, é delinear o processo picaresco presente no personagem Luiz Galvez, protagonista do romance em questão e, a partir deste, observar a existência desse eixo picaresco que ultrapassa os limites da Espanha do século XVI, lugar onde se convencionou atribuir o surgimento desse personagem. Levando-se em consideração os aspectos sociais, históricos e familiares que formaram a personalidade de Galvez no romance, notamos claramente o viés pícaro que o caracterizará no decorrer de toda a trama narrativa. Com efeito, a intenção é demonstrar as relações entre o protagonista do romance e o personagem do gênero picaresco, sempre à luz de *Lazarillo de Tormes*, nosso modelo de pícaro clássico, demonstrando a

importância desse fenômeno social no contexto espanhol do século XVI e, também, na perspectiva nacional, observando as relações análogas com o panorama político-social do Acre do início do século XX, objeto de representação da narrativa de Márcio Souza.

Para alcançar o intento analítico acerca da constituição picaresca de Galvez, é importante salientar alguns dados acerca do gênero em estudo para alicerçar as considerações que serão desenvolvidas sobre os personagens apresentados.

A tradição picaresca espanhola: *Lázaro, Guzmán e Pablos*

A esse respeito, é relevante observar que o aparecimento do gênero picaresco representou uma ruptura no tradicional modelo das narrativas do século XV e XVI. Com efeito, esse surgimento promoverá a entrada de personagens periféricos, marginais, no centro da chamada “grande literatura”, revelando as mazelas, as desventuras e as peculiaridades de um grupo até então sem espaço. E o porta-voz dessa coletividade marginal será o pícaro, personagem principal das histórias intituladas de *narrativas picarescas*. Essa nova modalidade de criação literária será inovadora, não só na perspectiva analítica, mas também na forma de narrar. Como observa o professor Mário González:

(...) nela [**as narrativas picarescas**], ao contrário dos costumeiros relatos das aventuras de fantásticos cavaleiros andantes ou de inverossímeis pastores polidamente apaixonados, os próprios protagonistas – na maioria dos casos – contam suas vidas de marginalizados em luta pela sobrevivência. (GONZÁLEZ, 1988, p.05) – grifo nosso

Em termos históricos, pode-se afirmar, de modo seguro, que o gênero picaresco se inicia, de maneira profusa, na Espanha do século XVI, por meio da publicação de três obras, contemporâneas entre si, consideradas como o núcleo dos romances picarescos clássicos: *Lazarillo de Tormes*, de autoria anônima, *Guzmán de Alfarache*, de Mateo Alemán, e *El Buscón*, cuja autoria pertence a Francisco de Quevedo, publicadas em 1554, 1604 e 1626, respectivamente. Essas narrativas delinearão as bases do romance picaresco, definido por Mário González como

a pseudo autobiografia de um anti-herói, definido como marginal à sociedade, o qual narra suas aventuras, que, por sua vez, são a síntese

crítica de um processo de tentativa de ascensão social pela trapaça e representam uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro, seu protagonista. (GONZÁLEZ, 1994, p. 263)

Longe do intuito de construir heróis trágicos ou épicos, a narrativa picaresca consolida a existência de um anti-herói na cultura ocidental, personagem fundamental para o desenvolvimento de uma literatura de caráter crítico e de denúncia das mazelas da sociedade. Sob esse aspecto, o professor Albeiro Trujillo nos fornece relevante consideração:

Nas narrativas picarescas, não existe intenção épica, nenhum pícaro quer ser elemento modelar. O grande realismo faz que esta personagem não evidencie nada além do mundo material. Antes de ser herói, é anti-herói que, com sua covardia, mostra as fraquezas dos valentes. Nas narrativas picarescas, a luta pela sobrevivência é expressão da tragédia que é a verdade do destino humano. (TRUJILLO, 2007, p. 13)

A ruptura promovida pelo aparecimento do “gênero picaresco” revela, além do evidente movimento de atualização dos temas narrativos, um desejo da literatura de buscar a veracidade do momento vivido, uma tentativa de tornar verossímeis as condições de vida, os percalços e os paradigmas da sociedade. Pode parecer simplório ou natural, mas essa busca significa uma transformação no objeto da narrativa, que deixa de prestar-se à simples imitação de modelos tradicionais e que não mais se mostram palpáveis, e passa a se preocupar com uma imitação dos aspectos humanos, sociais e de todas as suas vertentes, sejam elas de beleza, de horror, de heroísmo ou de desonestidade.

Com a busca pelo verossímil, os romances picarescos acabam por revelar todas as inconsistências da sociedade, que nem de longe é aquela idealizada pelas epopeias greco-latinas, tampouco pelos modelos literários do período medieval, marcado, sobretudo, pelas novelas de cavalaria. Assim, a narrativa deixa de ser um retrato imaginativo e ilusório e passa a ser um espelho, revelando as imperfeições e cicatrizes daquele grupo social que retrata. Segundo González:

o pícaro é a paródia do processo de ascensão dentro de uma sociedade que rejeita os valores da burguesia e onde o parecer tinha prevalência sobre o ser. Assim sendo, o pícaro finge do começo ao fim ser o que não é; e denuncia com isto uma sociedade cujo comum denominador é a hipocrisia. (GONZÁLEZ, 1988, p. 43)

Essa construção do personagem picaresco, revela aspectos que inserem o pícaro numa perspectiva de produto de sua realidade social, cuja postura diante da sociedade é fruto do conflito de interesses que o massacram e resultam num protagonista que coloca seus projetos individuais à frente de quaisquer outros objetivos. Todos apresentam uma percepção de que o caráter marginal, trapaceiro e desleal do pícaro é produto de uma necessidade de sobrevivência em uma sociedade desigual, uma atitude de resistência diante da vida que determina as ações e as decisões desse personagem na condução de suas histórias.

As aventuras do pícaro Galvez

Séculos depois do surgimento do gênero picaresco, na Espanha do século XVI, e de várias outras aparições, em culturas variadas, sempre representando uma caricatura da realidade social, o legado da picardia se mostra vivo e saudável séculos depois, na literatura brasileira, pelas mãos do escritor amazonense Márcio Souza, com a construção de Luiz Galvez de Ária, protagonista do romance *Galvez, Imperador do Acre*. Souza desenvolve uma caricatura do aventureiro espanhol que habitou as terras brasileiras na primeira metade do século XX, durante o histórico processo de incorporação do Acre ao território brasileiro.

O romance de Souza construirá, a partir de Galvez, a representação de um autêntico pícaro, espanhol como os seus antepassados na picardia, mas atuante em terras tupiniquins, em um momento histórico bem diferente do da Espanha do século XVI. Galvez surge no Brasil durante um período muito turbulento da região amazônica, onde é possível vislumbrar um gigantesco crescimento econômico, em virtude da descoberta do látex, produto desejado por todo o mundo naquele período.

A hevea-brasiliensis é uma espécie vegetal da família das euforbiáceas e aparecerá sempre em minha história como os bastidores do palco estão para a cena de uma comédia. Ela é a fonte principal da extração do látex. (...) Os botânicos não sabiam a função exata do látex no metabolismo da árvore. Mas isso não tinha nenhuma importância, já que os comerciantes haviam descoberto uma função menos botânica para o látex. (SOUZA, 2001, p. 26)

Desde seu nascimento, Galvez guarda associações com a tradição picaresca espanhola. Sua origem apresenta semelhanças com a de Guzmán de Alfarache, personagem central que dá título à obra de Mateo Aleman. Ambos são filhos de famílias

portadoras de bens que, após a morte do pai, caem numa sina de pobreza e ruína. Órfãos do mantenedor da família, não têm outra alternativa senão aventurar-se mundo afora em busca da sobrevivência:

Como eu era uma criança de pouca compreensão, não senti sua falta; embora já tivesse mais de doze anos. E ainda que não estivéssemos em situação de pobreza, a casa estava com joias, que tivemos que vender para comer por alguns dias. Esta é a vantagem dos que são ricos, já que sempre vale mais o que sobra [deles] do que o melhor dos pobres, e a todo tempo deixam rastros que descobrem o que fui, como as ruínas de Roma. (ALEMÁN, 1967, p. 41 - tradução nossa)

Com Galvez não foi diferente. Embora não tivesse chegado ao ponto de passar fome, como ocorreu com o pícaro Guzmán, teve de enfrentar diversos obstáculos para sobreviver por meio de seus próprios esforços. A trapaça e a esperteza foram seus aliados, características dos pícaros de qualquer tempo:

Nasci na madrugada de 20 de fevereiro de 1859, em Cádiz, Espanha. Meu pai era Fernando Luiz Galvez Concepcion de Aria, almirante da Marinha Real, e minha mãe, Rosaura Rodrigues de Aria, era de prendas domésticas. (...) Meu pai morreu em 1896 e minha mãe, dois meses depois dele, de profunda melancolia. Foi quando descobri que meu pai era um entusiasmado jogador e não havia me deixado herança. De fato, não me deixou nada. (SOUZA, 2001, p. 43/44)

Em uma dessas aventuras ao redor do mundo, Galvez desembarca no Acre e, ao observar o ambiente de desordenado crescimento da região, Galvez vê a possibilidade de recuperar tudo que perdeu, após os infortúnios por que passara desde a sua fuga da Espanha.

Eu sempre estive em contato com o poder, tinha sido diplomata e por isso convivera com a elite e suas manias. Mas na Europa o poder era uma decorrência quase natural, não se notava a presença do dinheiro (...) em Belém o dinheiro não era metafísico, estava ali e eu podia descobrir o seu contorno no imenso bolo cor-de-rosa, nas travessas de prata e nas joias que enfeitavam o colo de qualquer dama. (...) Aqueles filhos do dinheiro recente e fácil, habitantes de uma terra primitiva, não conseguiam escapar da ostentação e da nudez do poder econômico” (SOUZA, 2001, p.35)

Assim como os pícaros tradicionais, todos aqueles que passam por sua vida deixam um ensinamento ou permitem a ele galgar alguns degraus no seu processo de ascensão pessoal por meio da trapaça e do golpe. Demonstrando um desapego afetivo por todos à sua volta, o personagem vai delineando sua pícara caminhada, cometendo pequenos delitos e trapaças, demonstrando indiferença e deslealdade por todos aqueles que, de alguma forma, passaram por sua vida de “aventureiro”, como se autodeclara. Os personagens que passam por sua caminhada no romance exercem função semelhante à dos “patrões” e “amos” que povoam as narrativas picarescas clássicas.

Nesse sentido, Galvez é um autêntico anti-herói. Suas ações, totalmente opostas as dos heróis canônicos e tradicionais, se desenvolvem do início ao fim da trama, de modo permanente. O fechamento do romance, narrado em 1ª pessoa, demonstra essa constância da perspectiva de anti-herói a que Galvez se vincula:

Eu fui derrotado pelo século XX. (...) Chegamos ao fim de minha história, queridos leitores. Já não tenho os dedos ágeis e minhas mãos estão cansadas. (...) Vivi na Amazônia os momentos mais intensos de minha existência e depois comecei a exercitar a minha morte. (...) Devolvo minhas aventuras como elas sempre foram: um pastiche de literatura em série, tão subsidiária e tão preenchedora do mundo. (SOUZA, 2001, p. 218/219)

Além disso, outros elementos constitutivos do protagonista demonstram sua condição picaresca durante todo o romance, dentre os quais destaco, de maneira breve:

1) O caráter autobiográfico da narrativa:

Sendo narrada em primeira pessoa, Márcio Souza mantém uma marca muito característica dos romances picarescos: a (pseudo) autobiografia. Esse traço foi, no surgimento do gênero, essencial para sua caracterização, pois marcava a “ruptura com o modelo do narrador onisciente de terceira, cuja autoridade era fundamental nos livros de cavalaria”(GONZÁLEZ, 2005, p. 202). Souza constrói seu romance à luz dessa características basilar dos romances picarescos.

2) A itinerância:

A necessidade de não se estabelecer em lugar algum, de fazer da vida um movimento de deslocamento constante é um traço peculiar aos pícaros de diferentes momentos históricos. Se observarmos *Lazarillo*, *Guzmán* ou *Pablos*, podemos observar que estes personagens jamais se imobilizam durante o percurso narrativo. Independente dos motivos – que podem ser as más ações que levam às fugas ou o prazer da liberdade – o nomadismo caracteriza os pícaros. A imobilidade permite ao pícaro a indefinição de sua identidade, fato fundamental para quem vive de trapagens, e livra-o das consequências de suas ações que, baseadas no engano e nas falcatruas, resultariam em castigos e punições.

Eu estava tão cansado de andar fugindo que decidira me estabelecer em Belém custasse o que custasse. Ainda em Buenos Aires, pensei em comprar bilhete num pacote para a Índia, para um desses países que pertencem mais à fantasia do que à geografia. Poderia viver em Macau ou na Indonésia. Eu estava com quase quarenta anos e ainda não tinha parado num só lugar(...) (SOUZA, 2001:41)

3) O uso da trapaça e da astúcia para se livrar dos problemas:

Galvez demonstra uma notável habilidade para se livrar de todos os percalços e dificuldades por meio de sua astúcia, elemento que permite a Galvez o uso da trapaça, da dissimulação e do golpe para a resolução dos problemas que surgem em suas aventuras. Essa habilidade aproxima todos os pícaros, de todas as épocas. É o elemento padrão da constituição do personagem picaresco.

As conceituações do pícaro formuladas pelos mais diversos críticos coincidem, em geral, ao entendê-lo como um ser que enfrenta uma sociedade hostil armado apenas de sua astúcia. O recurso a essa astúcia leva o pícaro à trapaça, que tem sua realização máxima – por se combinar aí com o risco da aventura – no jogo trapaceiro. (GONZÁLEZ, 1994, p. 341)

Muitas são as passagens que comprovam a astúcia de Galvez. Desde a sua chegada em terras amazônicas, o protagonista se utilizou de artifícios para alcançar seus objetivos. Roubou a importante carta americana de Trucco sem levantar uma arma e sem o menor esforço (“Trucco pediu a Luiz Galvez que ele traduzisse o documento. Não

confiava em outra pessoa para fazer este trabalho”¹), saiu de Belém, mesmo acusado de crime sem ser capturado (“Alcancei os bastidores e sem ao menos saudar algumas coristas que choravam na coxia, escapei pela porta dos fundos, como num folhetim”²), além de conquistar a região do Acre, fazendo todos os aliados trabalharem por ele, sempre na base da artilosidade:

Por cinquenta mil libras eu tinha de conquistar o Acre do domínio boliviano, declarar o território independente, formar um governo e tentar o reconhecimento internacional. Quando tudo estivesse resolvido, meu governo solicitaria a anexação ao Brasil. Minha nacionalidade afastaria qualquer suspeita de participação brasileira. Quanto à forma de governo, eles não se importavam. (SOUZA, 2001, p. 139)

Considerações finais

O estudo acerca do personagem picaresco, a partir do protagonista *Galvez*, da obra de Márcio Souza, e da teoria de Mário Gonzalez, procurou compreender a existência do pícaro sob uma perspectiva mais abrangente, observando-o em contextos externos à tradição espanhola do século XVI. É inegável que o momento espanhol ofereceu as condições para a construção definitiva de um personagem fora dos modelos tradicionais de herói. O pícaro é fruto de uma sociedade opressora, que marginaliza e imobiliza os indivíduos em sua condição social. Não há saída para o protagonista picaresco fora da trapaça e do engano, essas são suas únicas armas dentro de uma sociedade excludente. Entretanto, como pudemos observar, esse modelo social não se deu unicamente na Espanha do início da Idade Moderna. Outros momentos históricos e outras nações repetiram a sociedade de aparências que marcou o surgimento do romance picaresco.

No Acre do início do século XX podemos vislumbrar as mesmas condições que permitiram o surgimento do pícaro espanhol. Respeitadas as devidas distinções, *Galvez* é um produto de uma sociedade com sérios problemas, assim como foi *Lazarillo* em relação à sociedade espanhola. Suas histórias, assim como as de *Sem-Pernas* e de *Macunaíma*, revelam relações sociais fragmentadas e hipócritas, cheias de vicissitudes e

¹ SOUZA, 2001, p. 53

² _____, 2001, p. 72

desequilíbrios. O pícaro se mostra atento a essas máculas e, por meio delas, não só sobrevive, como também oportuniza seu progresso.

Estudar a constituição de um personagem tão rico como o pícaro se mostra prazeroso em razão da possibilidade de se investigar as relações sociais através dos tempos, observando nelas uma continuidade, no que diz respeito aos problemas e à capacidade do ser humano de superar as adversidades. *Lazarillo* e *Galvez* não são contemporâneos, distanciam-se por muitos séculos, mas parecem tão próximos pela artilosidade, pelos estratagemas, que talvez pudessem coexistir. Seus objetivos são similares: desejam a ascensão social, a elevação de *status*. Seus instrumentos para obtenção dessa condição também se aproximam – a trapaça, o engano, a burla.

A vida do pícaro evidencia uma necessidade constante de enfrentamento, de lutar contra as adversidades e as condições desfavoráveis que marcam sua vida. Essa situação se mostra análoga às minorias sociais, em qualquer época. Essa semelhança atualiza constantemente a figura do pícaro e garante ao tema picaresco uma vitalidade, permitindo que diversos estudos sejam realizados e nos ofereçam novas perspectivas acerca desse típico personagem da literatura ocidental.

Referências

ALEMÁN, Mateo. *Guzmán de Alfarache*. In: *LA NOVELA picaresca española*. Ed., intr. e notas de Francisco Rico. Barcelona: Planeta, 1967.

BAKHTIN, Mikhail, Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François de Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

CARRILLO, Francisco. *Semiolingüística de la novela picaresca*. Madrid: Cátedra, 1982.

GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia*. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONZÁLEZ, Mario. *A saga do anti-herói*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____. *Lazarillo de Tormes: estudo crítico*. In: *Lazarillo de Tormes*. Tradução de Heloísa C. Milton e Antonio R. Esteves. Org. Mario Gonzalez. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *O romance picaresco*. Série princípios. São Paulo: Ática: 1988.

Lazarillo de Tormes. Tradução de Heloísa C. Milton e Antonio R. Esteves. Org. Mario Gonzalez. São Paulo: Ed. 34, 2005.

LÁZARO CARRETER, Fernando. *Lazarillo de Tormes en la picaresca*. Barcelona: Ariel, 1972.

PETRÔNIO. *Satyricon*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SOUZA, Márcio. *Galvez, Imperador do Acre*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; vol. I e II. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 1979.

TRUJILLO, Albeiro Mejia. *O riso como fator de crítica nas narrativas picarescas*. In: *REVISTA TRAMA*, Vol. 3, nº 6. Paraná: Ed. UNIOESTE, 2007. Pp. 11-26